

Último caderno de Lanzarote

**José
Saramago**

*O diário
do ano
do Nobel*

A Pilar

«E, se o *Sexto Caderno* não chegou a ver a luz do dia e ficou preso no disco rígido do computador, foi apenas porque, enredado de súbito em mil obrigações e compromissos, todos urgentes, todos imperativos, todos inadiáveis, perdi o ânimo e também a paciência para rever e corrigir as duzentas páginas que tinham acolhido as ideias, os factos e também as emoções com que o ano de 1998 me beneficiou e, uma ou outra vez, me agrediu. Eram palavras que já considerava definitivamente condenadas ao limbo, mas, como diz a sabedoria popular, os dias sucedem-se uns aos outros e aquilo que foi dúvida pode converter-se, amanhã, em certeza. Aconteceu-me algo semelhante quando Amaya Elezcano, a minha editora, me pediu que explicasse aos leitores as razões pelas quais este *Quinto Caderno* era o último da série. Ora bem, como existia, ainda inédito, um *Sexto Caderno*, é claro que seria jurar falso dizer que depois do *Quinto Caderno* não haveria mais. De modo que não tinha outro remédio senão fazer esta confissão pública e aproveitar para dar a notícia de que o dito *Sexto Caderno* aparecerá brevemente em Portugal. E em Espanha? Espanha terá de esperar por que se reúna o *Sétimo Caderno*,

que começarei a escrever no dia 1 de janeiro de 2002, se estiver vivo e com saúde...»

José Saramago, 12 de outubro de 2001

Fragmento final da edição espanhola do 2.º volume de *Cadernos de Lanzarote*, que reunia os anos de 1996/7.

O Limbo e os Discos Rígidos do Tempo

Pilar del Río

Alguns livros requerem uma explicação e este é um deles. Não pelo conteúdo, claro e rotundo, como verão, sequência feliz de cinco volumes anteriores que foram publicados a tempo e horas. O esclarecimento tem antes que ver com circunstâncias que permitem que hoje, querido leitor, querida leitora, estas páginas cheguem às suas mãos, vinte anos depois de terem sido escritas e 17 anos após o autor ter anunciado que apareceriam em breve, porque o destino dos livros escritos é chegar aos leitores e não permanecerem alojados no limbo que é o disco rígido do computador.

José Saramago deu notícia da existência do *Cadernos de Lanzarote - Diário VI* em outubro de 2001, no epílogo que escreveu para a edição espanhola do *Caderno* de 1997 e, mais tarde, na apresentação do livro em Madrid. Ao saberem a novidade, os editores aplaudiram e nós, os leitores, regozijámo-nos e ficámos a aguardar a narração dos dias do ano em que o escritor recebeu o Prémio Nobel, certos de que, além de nos aproximarem do ser

humano que conhecíamos, essas páginas incluiriam pormenores dos dias principais da vida literária, pelo que pedimos a sua publicação quanto antes. Mas, o tempo passava e o novo *Caderno de Lanzarote* não aparecia, embora chegassem, isso sim, notícias de viagens, conferências e outras atividades públicas que justificavam que, apesar de o volume ter sido anunciado, fosse sendo sucessivamente adiado. Por aqueles dias, como agora se torna público, José Saramago mudou de computador e, por decisão de quem com ele estava, deixou de ter no ecrã a ameaçadora lista de assuntos pendentes que tanta ansiedade lhe provocava: para cumprir com o ofício de escrever, bastavam as exigências próprias da literatura e do seu projeto pessoal de não ter pressa e não perder tempo, pelo que se limpou a paisagem de outras pressões sem a consciência de que, ao lado de supostas urgências, poderiam encontrar-se flores recém-colhidas, frescas e luminosas, como o diário de 1998. Por vezes, alguém perguntava pelo Caderno VI, mas de uma forma tão discreta que nem o próprio autor se dava por aludido, como se ter anunciado que o livro seria publicado em breve bastasse para cumprir o seu destino. Assim, o tempo foi passando, apareceu *A Caverna*, foram publicados outros livros e o sexto volume dos seus diários não teve outro remédio senão entrincheirar-se de novo no disco rígido do computador, perdido do humano olhar do autor, também dos editores e dos leitores, por fim resignados a não conhecerem em primeira mão a vida daquele ano feliz. Foram necessários vários acasos «saramaguianos», como o escritor Eduardo Lourenço os define, para que o texto escrito há vinte anos se tenha manifestado por si próprio, dando origem a este volume que tem nas suas mãos, querido leitor, querida leitora, mais uma vez Lanzarote, mais uma vez o testemunho pessoal de dias vividos e escritos com manifesta intenção de os partilhar.

O poeta e ensaísta Fernando Gómez Aguilera, autor da cronobiografia de José Saramago e comissário da exposição «A Consistência dos Sonhos», aceitou o desafio de organizar um volume com as conferências e discursos proferidos por José Saramago em diversos países e datas, uns publicados, outros conservados em papel, outros ainda arquivados digitalmente. No processo de recompilação foi necessário rastrear com espírito detectivesco os diversos computadores que José Saramago utilizou ao longo da sua vida digital, que abarca desde *História do Cerco de Lisboa* até *Alabardas, Alabardas, Espingardas, Espingardas*, pesquisando os ficheiros digitais que o escritor organizou de uma forma precisa. Um desses ficheiros, uma pasta alojada no computador substituído, intitula-se «Cadernos», nome que tanto para Fernando Gómez Aguilera como para quem escreve estas palavras acolheria livros acabados, os cinco volumes de *Cadernos de Lanzarote* que, nos trabalhos de pesquisa, quando era necessário confirmar um dado ou uma data, se consultavam na versão em papel, fazendo com que o ficheiro digital se tenha mantido tal como o autor o criou, sem que alguma mão lhe tivesse tocado. Imaginem a surpresa quando a necessidade investigadora levou a premir a opção «abrir» e apareceu com todas as suas letras – a fantasia leva-me a ver o título do livro a piscar e a cores, embora saiba que não é verdade – *Cadernos VI*, na ordem lógica pela qual José Saramago arquivou os diários, começando pelo primeiro e acabando nesse, o sexto. «Seis? Como é possível, se só existem cinco volumes?», foi a absurda pergunta lançada ao ar, antes de começar a ler, sem respirar nem falar, sem ver nada para além do ecrã, que, sendo ecrã, era também voz e narrava um tempo distante que se tornava presente ao manifestar-se assim, naquela noite, naquela casa, ali. Não será necessário descrever a comoção do momento, a surpresa e a emoção, a paragem do tempo, a ansiedade e a

alegria, a nostalgia, o peso e uma leveza que quebrava todas as leis do espaço e do tempo. Eram dias de há vinte anos, eram dias de hoje. O autor a falar de si, as palavras que saíam aos borbotões, mês a mês, um ano inteiro, esse ano e precisamente agora. Era fevereiro de 2018 quando o livro abandonou o limbo do disco rígido e se tornou uma bela promessa no mundo dos livros. Agora, é já realidade e está nas suas mãos.

Este é o renascimento do *Cadernos VI*, o diário que ficou para trás porque a capacidade de atenção é limitada – a do autor, que lidava com diversas frentes, também a daqueles que com ele estavam, que não reclamaram o livro que era já uma tradição anual e, além disso, já fora anunciado. Em defesa de uns e de outros convém insistir no caos que se instalou em casa de José Saramago, a partir do momento em que foi anunciado o Prémio Nobel de Literatura. Foi o reconhecimento, foram as responsabilidades que para alguns, sem dúvida para José Saramago, essa distinção implica, umas literárias, outras de carácter político e humano. O certo é que o processo de escrita foi radicalmente alterado. Como se verá, o corpo central do *Caderno* está concluído, embora haja páginas em que simplesmente se enuncia o assunto que se pensava abordar ou aprofundar, antes de o entregar aos editores. Este que seria o último passo, tão fácil de concretizar, e que apenas exigia algum tempo e tranquilidade de espírito, foi a causa para que o projeto se adiasse uma e outra vez. Agora, nestes dias de nova vida, foi possível seguir o rasto a algumas entradas propostas e com elas formou-se uma segunda parte ou um epílogo. Naturalmente, o volume apresenta-se tal como José Saramago o deixou escrito. E não, não chega tarde, o *Caderno* aparece no momento em que é mais necessário: entenderão o que digo quando avançarem na sua

leitura. Vinte anos depois é o momento adequado para certas reflexões e confidências.

José Saramago assegurou, várias vezes, que o diário de 1998 seria o último porque os compromissos assumidos como autor e como cidadão o obrigavam a organizar de outra forma as horas do dia. Só em 2007, depois de uma doença que quase lhe ia custando a vida, sentiu a necessidade de comunicação diária com outros e fê-lo através de um blogue, publicado diariamente na página da Fundação José Saramago e em alguns meios de comunicação. Estes textos, mais concretos e diretos, também foram publicados em dois volumes que já não incluem o nome da ilha vulcânica que o escritor escolheu para viver, são simplesmente *Os Cadernos* do autor.

«Este *Sexto Caderno* aparecerá em breve», deixou dito José Saramago. Talvez esse «em breve» possam ser 20 anos, quem sabe medir o tempo. No dia 31 de dezembro de 1994 escreveu, noutro volume dos *Cadernos*: «O tempo é um elástico que estica e encolhe. Estar perto ou longe, ali ou aqui, apenas depende da vontade.»

É isso mesmo.

O autor de *Memorial* deixa, como Chateaubriand, as suas «*ultima verba*» no computador. Agradecemos ao mágico suporte por ter preservado esse diálogo de José Saramago consigo mesmo e com o seu tempo, num espaço e numas reverberações sem fim.

Eduardo Lourenço

Cadernos de Lanzarote

– Diário VI

1 de janeiro de 1998

Durante a noite, o vento andou de cabeça perdida, dando voltas contínuas à casa, servindo-se de quantas saliências e interstícios encontrava para fazer soar a gama completa dos instrumentos da sua orquestra particular, sobretudo os gemidos, os silvos e os roncões das cordas, pontuados de vez em quando pelo golpe de timbale de uma persiana mal fechada. Nervosos, os cães lançavam-se de rompante pela gateira da porta da cozinha (o ruído é inconfundível) para irem ladrar lá fora ao inimigo invisível que não os deixava dormir. Manhã cedo, antes mesmo do pequeno-almoço, desci ao jardim para ver os estragos, se os houvera. A força da ventania não tinha esmorecido, bem pelo contrário, sacudia com injusta ferocidade os ramos das árvores, sobretudo os da acácia, que com uma simples e bonançosa aragem se deixam mover. As duas oliveiras e as duas alfarrobeiras, novas ainda, pelejavam bravamente, opondo aos esticões do malvado a elasticidade das suas fibras juvenis. E as palmeiras, essas, já se sabe, nem um tufão as consegue arrancar. Com os gatos também não valia a pena preocupar-me, resistem a tudo, chegam a dar a impressão de que o vento faz um rodeio quando os vê, passa

por eles de largo, com medo de se espetar nos espinhos. Ao longo do muro, os pinheiros canários, em fila, mais desgrenhados que de costume, cumpriam o dever de quem foi colocado na linha da frente: aguentar os primeiros choques. Tudo parecia estar em ordem, podia ir preparar o meu pequeno-almoço de sumo de laranja, iogurte, chá verde e torradas com azeite e açúcar. Foi então que notei que o tronco de um pinheiro oscilava mais que os dos seus irmãos. Conhecendo o chão que piso, compreendi que as raízes, abaladas pelos bruscos e repetidos safanões do vento, iam, pouco a pouco, afrouxando a presa. Por estes sítios, é delgadíssima a camada de terra fértil, a pedra começa logo a uma mão travessa da superfície, às vezes ainda menos. Sempre estará em perigo uma árvore que, no lugar em que a plantaram ou onde nasceu espontânea, não tenha tido a sorte de achar uma fenda por onde insinuar as radículas extremas e depois forçar o espaço de que necessita para firmar-se. O meu pinheiro, apenas três palmos mais alto do que eu, estava a precisar de uma ajuda. Comecei por escorá-lo com o cabo de uma enxada, entalado entre um dos ramos baixos e o chão, mas o resultado foi desanimador, a intermitente oscilação do tronco fazia resvalar a improvisada estaca. Dei a volta ao jardim, à procura doutro objeto mais capaz de servir, e vi uns caixotes de madeira que pareciam estar ali à espera deste dia: agarrei na tampa de um deles, que uma rajada súbita quase me arrancou das mãos, e regressei ao aflito pinheiro. O tamanho da tampa era exatamente o que convinha, as tábuas formariam com o tronco o mais adequado ângulo que eu teria podido desejar. Empurrei a árvore contra o vento para que ficasse apumada, ajustei a escora por baixo do ramo que utilizara na primeira tentativa, não havia dúvida, a inclinação da tampa era perfeita. Pus-me então a acarretar pedras que fui dispondo e ajustando pelas tábuas acima, de modo a exercerem o máximo

possível de pressão constante sobre o tronco. A árvore, naturalmente, continuava a mover-se ao sabor do vento, mas muito menos, e estava firme, a salvo de ver-se arrancada pela raiz. Andei a rever-me na minha obra todo o dia. Como uma criança que tivesse conseguido atacar os sapatos pela primeira vez.

2 de janeiro

Jonas Modig, atual responsável pelo grupo editorial sueco Bonniers, em que está integrada a editora Wahlström & Widsstrand, que desde *Memorial do Convento* tem publicado os meus livros, veio, com sua mulher, Maria, também escritora, passar uma semana a Lanzarote. Para os nossos brios de sulistas a quem a moderação dos elementos traz mal-acostumados, uma ilha varrida pelo vento, como esta tem sido nos últimos dias, não deveria ser um lugar particularmente grato a pessoas que tinham deixado para trás os frios e as neves de Estocolmo com a esperança de encontrarem aqui o paraíso. «Mas isto é mesmo o paraíso», sorriu Jonas, e Maria reforçou: «É certo que o vento tem soprado com muita força, e há dois dias choveu bastante, mas são meras insignificâncias se o compararmos ao tempo que lá temos agora. Para nós, isto é como o verão, ou melhor ainda.» Estávamos a almoçar na cozinha, com a porta aberta para o jardim e via, por trás de Jonas, os ramos mais altos da romãzeira desenhados no céu quase sem nuvens... sim, uma espécie de paraíso. Tínhamos conversado, pouco e de passagem sobre livros, muito e seriamente sobre a desgraçada situação do mundo em que vivemos. Quando chegou a hora de partirem, Pilar pediu pelo telefone um táxi, e eu saí à estrada, não fosse dar-se o caso de o motorista conhecer mal estas paragens e não dar pelo

desvio. Estava ali há poucos minutos quando um carro pequeno deu a volta à rotunda e entrou na rua. Conduzia-o um homem novo, quase adolescente ainda, que parou para me perguntar se era esta a Calle Los Topes. Respondi que sim, e, por minha vez, perguntei-lhe se procurava alguém. «Venho fazer um trabalho», disse ele, e nesse momento reparei que na parte de trás do carro havia algo como ferramentas. «Sim, a rua é esta, continua até lá ao fundo, depois vira à esquerda.» O homem olhou para mim com súbita atenção e perguntou: «É José Saramago?» «Sou», respondi. Estendeu a mão direita, que apertei enquanto lhe ouvia dizer: «Obrigado, obrigado por tudo.» Pôs o carro em movimento e foi-se embora, deixando-me a pensar que quando chegar a minha hora poderei ir-me deste mundo com a pequena certeza de não lhe ter feito muito mal. Ao menos...

4 de janeiro

O *The Sunday Times*, que é um jornal dominical londrino, publica hoje uma crítica elogiosa ao *Ensaio sobre a Cegueira*. E como foi que este morador de Lanzarote, rodeado de mar e vento por todos os lados, soube da feliz ocorrência, tão estimulante e lisonjeira para os seus brios de autor? Muito simplesmente, como já se vai ver. O escritor e jornalista Lustosa da Costa, constante e solícito amigo nosso que reside em Brasília, acaba de me enviar por *fax* a informação de que um colega seu que trabalha no Ceará, «acessando» (mais um estrambótico neologismo informático brasileiro...) na Internet, havia desencantado lá a grata notícia e se despachara a comunicar-lha. Já não são precisos oitenta dias nem oitenta minutos para dar a volta ao mundo. Oito segundos bastam...

5 de janeiro

Morreu a Ilda. A Ilda era a Ilda Reis, que nos tempos de rapariga começou a sua vida de trabalho como datilógrafa dos serviços administrativos dos Caminhos de Ferro, e depois, obrigando um corpo demasiadas vezes sofredor, esforçando a tenacidade de um espírito que as adversidades nunca conseguiriam dobrar, se entregou à vocação que faria dela um dos mais importantes gravadores portugueses. Gozou dessa felicidade substituta que o êxito costuma vender caro, mas tinha-lhe fugido o simples contentamento de viver. As suas gravuras e as suas pinturas foram em geral dramáticas, cindidas, autorreflexivas, de expressão tendencialmente esquizofrénica (diga-se sem nenhuma certeza), como se teimasse ainda em procurar uma complementaridade para sempre perdida. Fomos casados durante vinte e seis anos. Tivemos uma filha.

7 de janeiro

Levámos a Ilda ao cemitério novo de Carnide. O céu estava encoberto, choveu durante o caminho. Instalado numa encosta de suave pendente, em plataformas amplas onde não há (por enquanto?) um único jazigo, o cemitério de Carnide tem ao meio, paralelas, duas correntezas de água que vêm descendo mansamente de socalco em socalco. Como o tempo. A Ilda nunca veio aqui, mas estou certo de que também teria pensado: «Olha, é como o tempo passando.» E talvez acrescentasse: «Este arquiteto tinha as ideias claras.» Digo eu agora: se as almas realmente existissem, o melhor uso que poderiam fazer da sua eternidade seria virem sentar-se em lugares assim, na margem dos rios, estes e os

naturais. Caladas elas, calados eles, alguma vez a chuva caindo sobre as últimas flores. Nada mais.

9 de janeiro

Deve ter sido já nas despedidas dos anos 50 que me atrevi a penetrar, com um esforço que não me beneficiou a compreensão (o Raimundo Silva da *História do Cerco de Lisboa* diria que por falta de preparo), no livro de Roger Garaudy, *Teoria Materialista do Conhecimento*, publicado em França em 1953. Não consegui levar a leitura ao fim, mas do pouco que li fiquei com a impressão de que estava ali uma obra com o seu quê de fundamental, uma bússola para orientar nas encruzilhadas ideológicas daquela época o homem de boa vontade que já então me prezava de ser. Prometi a mim mesmo que um outro dia, quando me achasse mais maduro nos saberes básicos, voltaria a penetrar no volumoso tratado, mas, por culpa de uma vida que me distraiu do alto cometimento, tal não viria a suceder. Não tenho vergonha de confessar que não recordo hoje uma só ideia ou uma só linha da *Teoria*. Veio-me agora à lembrança tudo isto ao ler a notícia de que Garaudy está a ser julgado em Paris por delito de «cumplicidade e negação de crimes contra a humanidade», expressas, uma e outra, no livro *Os Mitos Fundadores da Política Israelita*, em que contesta o genocídio cometido contra os judeus pela Alemanha nazi. Seria instrutivo conhecer, passo a passo, o percurso mental desta filosófica criatura depois de deixar de ser comunista para se tornar cristão e mais tarde islamista, tendo pelo meio uma candidatura à presidência da República que não prosperou. E agora isto.